

## Uma história de inteligência artificial e COP30, regada a azeite etíope<sup>1</sup>

Daniela Chiaretti<sup>2</sup>

A Etiópia, segundo país em população da África e até algumas décadas atrás um dos mais pobres do mundo, sofre secas severas que agravam conflitos e ampliam a escassez de alimentos e de água. Mas o país é também o maior produtor de azeite do continente. O Banco Mundial apoiou ali um projeto que usa inteligência artificial para otimizar o uso de fertilizantes, aumentar a produtividade agrícola e diminuir os impactos ambientais. Foram coletados 20 mil pontos de dados e se criou um algoritmo que pode aumentar a produtividade em até 65% por hectare. Trata-se de um exemplo de como a agricultura de precisão pode melhorar a resiliência climática para agricultores, principalmente na parte do mundo mais pobre ou em desenvolvimento, o Sul Global.

A história do azeite etíope é contada no relatório “Inteligência Artificial e Mudança do clima”, do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio (ITS). O documento reúne contribuições de um seminário internacional que aconteceu em Brasília, em janeiro, organizado pelos ministérios das Relações Exteriores e pelo da Ciência, Tecnologia e Inovação. A intenção do evento era discutir caminhos que integram a transição digital com a ecológica. Isso inclui um termo cada vez mais pronunciado por quem estrutura a COP30, o fortalecimento da Infraestrutura Pública Digital, DPI, na sigla em inglês. Que monstro é esse?

São “soluções estruturantes que adotam padrões de tecnologia em rede para o interesse público”, diz o site oficial do governo. “Tecnologias digitais, mesmo não sendo em si tecnologias de baixo carbono, conseguem dar escala e rapidez”, diz uma fonte. Um exemplo é o Pix. Foi assim que o governo Lula conseguiu transferir R\$ 5.100 para famílias afetadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul em maio de 2024. Um mecanismo financeiro ajudou na maior tragédia climática do País.

Mudando de hemisfério e de problema, e saindo da Etiópia para os Estados Unidos, o site Inside Climate News, que traz notícias dedicadas a questões climáticas nos EUA, ouviu moradores de Bessemer, no Alabama, furiosos com o projeto de construção de um dos maiores data centers do país. Estão angustiados ao prever uma perturbação danada na bela paisagem natural onde vivem e com o silêncio dos órgãos públicos sobre o projeto. Se realizado conforme o que a matéria apurou, trata-se de um campus de 18 prédios, todos maiores que a média daqueles hipermercados gigantes que existem por lá. Consumirá rios de água e 90 vezes mais energia ao ano do que a gasta por todas as residências da cidade. Data centers, IA, revolução digital fazem parte da crise climática, para o bem e para o mal.

No início de 2025, os EUA tinham mais de 5 mil data centers. Eram talvez mil cinco anos

<sup>1</sup> Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

[https://valor.globo.com/brasil/coluna/uma-historia-de-inteligencia-artificial-e-cop30-regada-a-azeite-etiope\\_gh.html](https://valor.globo.com/brasil/coluna/uma-historia-de-inteligencia-artificial-e-cop30-regada-a-azeite-etiope_gh.html)

Acessado em 20.05.2025

<sup>2</sup> Repórter especial do Valor Econômico

antes. O projeto do Alabama, conhecido por “Projeto Marvel” não tem nada a ver com uma nova aventura do Homem-Aranha - mas tem indubitavelmente algo de super.

Um relatório publicado em abril pela Agência Internacional de Energia, a IEA, diz que a inteligência artificial é uma das maiores histórias atuais do mundo da energia. Nos EUA, diz o estudo, os data centers estão a caminho de serem responsáveis por quase metade do crescimento da demanda por eletricidade; no Japão, por mais da metade.

“Impulsionada pelo uso da IA, a economia americana deverá consumir mais eletricidade em 2030 para processamento de dados do que para a fabricação de todos os bens com alto consumo de energia combinados, incluindo alumínio, aço, cimento e produtos químicos”, diz o relatório especial “Energia e IA”. A análise projeta que a demanda de eletricidade de data centers em todo o mundo deverá mais que dobrar até 2030, para cerca de 945 terawatts-hora. Isso é mais do que todo o consumo atual de eletricidade dos japoneses.

A presidência brasileira da COP30, a conferência climática que o Brasil sediará em novembro, em Belém, está atenta a esse cenário. O processo das COPs, como vem sendo dito, está maduro em decisões e regras do direito internacional. Tudo o que precisava ser decidido, foi feito. Mas para se conter o aquecimento em 1,5°C, o mundo, inevitavelmente, terá que envolver os EUA. Na visão do governo brasileiro, mesmo sem os EUA comprometidos na esfera federal, é mais importante do que jamais foi envolver seu setor privado, os governos subnacionais e as empresas de tecnologia.

As “Sete Magníficas”, como são conhecidas Apple, Microsoft, Alphabet (Google), Amazon, Meta Platforms (Facebook), Nvidia e Tesla, por seu grande valor de mercado e poder de influência, são apontadas como a maior fonte potencial de emissões por causa do uso energético dos data centers. “Se este aumento de uso energético não for auxiliado por renováveis, vai entrar mais fóssil”, diz um analista. “A velocidade em que operam é enorme e não toleram gargalos. Se o gargalo for climático, e não existir energia renovável na prateleira, vão resolver de outro jeito.”

O tema será poroso à COP30. A prioridade dada pelo governo brasileiro é explicitada no nome de um dos três conselhos criados para assessorar o presidente da COP30, o embaixador André Corrêa do Lago. Um dos conselhos é o Científico, liderado pela pesquisadora Thelma Krug; o de Economistas é coordenado por José Scheinkman. O terceiro, de Inovação Tecnológica e Inteligência Artificial, é conduzido por Ronaldo Lemos, fundador do ITS, um instituto referência no assunto.